



Educação como lugar feminista: experiências, metodologias e criação de redes (entrevista com Vanessa Cavalcanti)

Education as a feminist space: experiences, methodologies, and network building (interview with Vanessa Cavalcanti)

[10.29073/naus.v7i1.898](https://doi.org/10.29073/naus.v7i1.898)

Recebido: 26 de fevereiro de 2024.

Aprovado: 8 de maio de 2024.

Publicado: 27 de junho de 2024.

Autor/a 1: Gabriela Vergolino , Universidade Federal da Bahia, Brasil, gabrielavergolino@ufba.br.

Autor/a 2: Flávia Gomes , Universidade Federal da Bahia, Brasil, flaviagomes.adv@gmail.com.

“A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ou não ser erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças” (bell hooks, 2013, p. 174)

Esta entrevista foi promovida por Flávia Nogueira Gomes e Gabriela M. P. Lins Vergolino, discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM), da Universidade Federal da Bahia.

No dia 19 de janeiro de 2024, às 10h, através do uso da plataforma *Googlemeet*, aconteceu o encontro virtual de Flávia Gomes e Gabriela Vergolino com a entrevistada, a Profa. Dra. Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti. As participantes se encontravam, respectivamente, em Salvador-BA e Floresta-PE, no Brasil, e em Coimbra, Portugal.

Vanessa Cavalcanti é multifacetada. Possui formação em História, com Doutorado em Humanidades, três pós-doutorados e integra diversos projetos culturais, sendo membra associada do Instituto de Desenvolvimento Social pela Música, IDSM-NEOJIBA, além de ser colunista do jornal *A Tarde*. Integra o corpo docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, da Universidade Federal da Bahia, ministrando a disciplina de Estudos Feministas.

Falamos sobre seu compromisso com uma educação transformadora, a partir da prática feminista presente em sua atuação enquanto docente em cursos de pós-graduação, e ativismo para a promoção dos direitos humanos de meninas e mulheres.

Vanessa Cavalcanti é reconhecida no meio acadêmico por utilizar “linguagens sobrepostas” para promover a circulação de saberes, a partir de uma prática pedagógica contra-hegemônica, estimulando suas alunas a ultrapassar os muros da Universidade e acessar fontes alternativas de conhecimento, aguçando os sentidos para desenvolver um pensamento crítico, além de sempre incentivar a ocupação de espaços como salas de cinema, teatros, museus, exposições e parques, no intuito de expandir as (inter)conexões e diálogos.

Está em constante movimento; literalmente. Tanto que, apesar de residir em Portugal, ministra aulas presenciais em Salvador, além de promover e participar de diversos projetos culturais e acadêmicos, seja no formato virtual e/ou presencial, ela orienta para o entusiasmo pedagógico proposto por bell hooks:

Mas o entusiasmo pelas ideias não é suficiente para criar um processo de aprendizagem empolgante. Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros. (2013, p. 18)



Não há como dissociar a luta por direitos humanos das mulheres sem questionar o fazer ciência e nosso papel como investigadoras, docentes, acadêmicas. A partir da formação de redes, de pensar criticamente sobre nossa sociedade e o papel do Estado e dos sistemas jurídicos, podemos propor caminhos para pensar em formas de efetivação destes direitos.

Nos dizeres de Alda Facio (2018, p. 191): “Insisto na questão do diálogo porque é construir coletivamente um mundo melhor.” Assim, a partir deste diálogo, propomos refletir sobre novos caminhos para educação em direitos humanos, sob a perspectiva feminista.

1 — Poderia fazer um breve resumo sobre a sua formação e trajetória no campo da educação, especialmente no campo dos estudos feministas?

Antes de responder, meus agradecimentos e um aviso. Da posicionalidade assumida de que aqui a generosidade foi das entrevistadoras que instigaram a uma escrita interessante, engajada e personalíssima, revelo, assim, que “*no voy sola. Marcho com mis hermanas*” (Pilar Morales Lara, investigadora da Universidad Nacional Autónoma de México — UNAM, 2022).

Por sentido analítico e prático, tentarei delinear teorias, práticas e cariz feminista que me permeiam e motivam ao longo da entrevista. Para além de nós, estarão outras tantas mulheres que vieram antes e nos acompanham agora. Ética e lógica de conexões, solidariedade da interseccionalidade (Veronica Gago, 2019) e epistemologias que deem subsídios para mudanças e para demonstrar formação e trajetória.

Essas intenções iniciais configuram as tessituras e as experiências como educadora e investigadora feminista. Olhando o percurso e imaginando ainda o que virá adiante, acredito que seja no campo da educação (ampla, integral e processual, formal e informal) que temos as potencialidades de ouvir, transcrever, transgredir e registrar vozes ativas e marcar o não-esquecimento de tempos passados e de pessoas que lutaram, resistiram e almejavam um “mundo mais igual”.

Aprendi ao longo desses anos sendo aprendiz-educadora que todas as opressões ainda estão marcadas por elementos coloniais, patriarcais, racistas-xenófobos, com recortes de classe e territórios, de dominações e subalternidades. São exemplos de tempos sombrios e continuação de bases que já poderiam estar a ser “ultrapassadas”.

Venho de uma família de “educadoras” (avós, mãe, irmã, tias, sobrinha), de gente que lia compulsivamente e acreditava também que a vida comunitária educava. Histórias e estórias povoaram a escolha no ensino superior. A História e seus cruzamentos e interfaces me proporcionaram e continuam a servir como inspiração, metodologias, fontes e recursos, construção de acervos inéditos. Foram muitas professoras e orientadoras feministas.

A modelagem do curso ainda era 4+2 anos (bacharelado e licenciatura). Nem considerava a hipótese de não estudar. Acho que aprender é ação para toda vida e ensinar foi só um complemento e etapa seguinte óbvia. Desde cedo estive vinculada a escolas e projetos socio-educativos-culturais. Acredito e trabalho para que seja, justamente nos espaços educativos, origens e destinos de transformações sociais e de compartilhamento de ideias, ações e potencialidades.

Luso-brasileira, com experiência de mais de trinta anos no campo da educação e direitos humanos, iniciei a prática docente formal com vinte anos. Das memórias que me atravessam estão o ingresso na licenciatura de História, seguida de Mestrado em História Social e Educação, ambos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Desde o primeiro ano fui integrante de projeto de pesquisa e bolsista CNPq e CAPES, inscrevendo, no início de carreira, a associação a redes e a experiências coletivas.



Tive quatro coordenadoras-orientadoras (Vera Lúcia Vieira, Yvone Dias Avelino, Marina Zancaner Maluf e Miriam Warde¹) que marcaram profundamente a decisão de lecionar e investigar no campo da História das Mulheres. Acho que foi essa “abertura de janelas” que guiou as sequências e os trânsitos entre países, cursos, estudos. Que me abriram portas para acervos fascinantes (Centro de Documentação e Informação Científica — CEDIC-PUC-SP, Arquivo Público do Estado de São Paulo — APESP²), cujos temas de investigação marcam escolhas — mulheres e ditadura militar, mulheres e educação, uso de jornais e peças teatrais como fontes históricas, canções de protesto ou de intervenção como expressão da juventude, dentre outros).

Em História, os dois caminhos são viáveis e se entrelaçam. Não há possibilidade de ensinar sem pesquisar. Espanha e Portugal foram as escolhas para desenvolver o doutoramento (Universidade de León, com reconhecimento pela UFBA e pela Universidade de Coimbra) e pós-doutoramento (nas Universidades de Salamanca e de Coimbra, ambos também com bolsa CNPQ e CAPES³), observando as aproximações com teorias e epistemologias feministas.

E como sou sempre as “impressões” das últimas leituras, das visitas aos museus, centros de cultura e apresentações artístico-culturais, trago uma citação sobre deslocar limites e do ponto de partida para desenvolver e tentar responder às questões. “*No sabemos lo que podemos hasta que experimentamos el desplazamiento de los límites que nos hicieron creer y obedecer. No se trata de una teoría ingenua del poder. Es entender la potencia como despliegue de un contrapoder (incluso de un doble-poder)*” (Veronica Gago, argentina, docente na Universidade de Buenos Aires, 2019, p. 13).

2 — Em seu trabalho, é notável o valor que dá a diversidade de fontes utilizadas, outros olhares para obtenção de respostas e construção de saberes. No entanto, sabemos que a Academia ainda resiste às inovações relativas aos métodos utilizados em pesquisas, gostaríamos que falasse um pouco sobre a importância do fazer ciência *out of the box*. Como isso pode enriquecer a produção científica?

Para responder a essa pergunta também precisarei pensar *out of the box* ou nos não lugares e enquadramentos que retiram existências, resistências e outros olhares possíveis. Tomo como ponto de partida e premissa que, depois de quatro meses, estar no mesmo lugar, não ter memórias incríveis e coletivas, leituras novas (ampliação de acervo e de interpretações) e que toquem em pontos estruturantes da produção feminista, deixaríamos de ter como objetivo produção-descobertas-metodologias e engajamentos científicos.

Identificar e ter em consideração a diversidade não é ação fácil. Inovação pedagógica pode ser tão simplesmente o uso de recursos disponíveis e metodologias ativas⁴. E associar essa noção aos movimentos feministas, à criatividade e à ampla panóplia de fontes, demonstra a aproximação entre teoria, práxis e poiesis. Como se fosse deslocado e desassociado de vidas cotidianas e experiências sociais (bell hooks, 2019).

¹ Historiadoras e cada uma com estilo próprio e projetos diferentes, mas vinculadas às práticas e às teorias marxistas. Rigor e afeto estiveram nas relações acadêmicas com elas e, com grande reconhecimento e registro de memória, tais aprendizagens foram transpostas para orientandas/os sob minha responsabilidade.

² Faço uma pausa para elucidar que a diretora no período foi Inês Etienne Romeu (1942–2015). Mineira foi uma das primeiras testemunhas na Comissão Nacional da Verdade (2014) e está inscrita no livro *Brasil: Nunca Mais*. Presa política, foi a única sobrevivente de Casa da Morte (Petrópolis), local conhecido por ser a base clandestina de torturas e execuções. Aprendi e continuo a citar e referenciar Inês e outras mulheres que sobreviveram a tempos monstruosos — Amelinha Teles (Promotoras Legais) e Marta Zabaleta (Middlesex University, argentina exilada no Chile e depois no Reino Unido, falecida em 2023). Ao nomear as três, faço minha dedicatória especial àquelas que asseguraram “vozes” sobre os períodos ditatoriais no Brasil e na Argentina.

³ Desde a iniciação científica até estágio pós-doutoral fui bolsista de agências brasileiras e toda produção está em acesso aberto e público. Em aulas e com orientandas/os sempre confirmo que ser financiada para desenvolver pesquisa e possibilitar formação avançada é uma grande responsabilidade, um investimento social e individual importante.

⁴ Aqui gostaria de fazer breve intervalo. A pedagogia feminista está transcrita nas orientações que tenho realizado e já são muitas. Gosto de pensar que o melhor do ensino se reflete nas dissertações e teses. A práxis pedagógica feminista faz “alçar voos” e confirmar caminhos metodológicos, engajados e com forte responsabilidade. Como afirmei anteriormente, nada melhor do que a memória mais atual. Recomendação da dissertação de Isabela Marques Oliveira, 2020).



Como historiadora, ao longo de toda minha formação universitária e com práxis na pedagogia crítica, não poderia deixar de organizar material, conteúdo e experiências práticas que não trouxessem a noção de construção teórica e, portanto, de uso de fontes diversificadas e multireferencialidades possíveis com acessibilidade e epistemologias feministas. Sujeitos em movimento e ação, multireferencialidade de fontes, argumentos e metodologias qualitativas têm sido as escolhas dos últimos anos.

Recupero aqui uma entrevista recente de François Dosse sobre “O futuro em migalhas” (2024), quando conclama: “Imaginar horizontes não experimentados é essencial ou o presente estará sempre estagnado (...) Precisamos procurar as sementes da construção do futuro”.

Pauto não só na experiência profissional e pessoal, mas sobretudo na circulação e nos movimentos feministas dos quais participo, sejam nas interfaces e em abordagens sobre os modos de viver, ser e aprender. Ao trazer do campo das Humanidades e das Ciências Sociais recursos, fontes, difusão de conhecimentos não restritos ao âmbito acadêmico e ensino superior, há possibilidades de maior envolvimento e aproximação com as “expressões de humanidade” e as existências de meninas e mulheres.

Uma das opções constantes nesse processo é considerar que somos “aprendizes” de e em linguagens e tecnologias, o que possibilita a inclusão de referencial oral, visual, textual e performativo. A elaboração de produção exige, cada vez mais, os três “is” (inclusão, inserção e integração) de acervos, análises, fontes documentais e de campo, possibilitando captação de relações sociais, de interpretações variadas sobre mesmos fatos e processos, além de garantir múltiplos olhares e respostas ou recomendações.

3 — Em suas palavras: “As artes são importantes para o pensamento crítico”, nesse sentido seria preciso fazer um exercício de observar, recolher, analisar e a partir disso construir hipóteses. Poderia desenvolver um pouco essa ideia?

Das pedagogias tradicionais e reprodutivistas/tecnicistas pouco nos aproximamos de “vidas vivíveis” (Judith Butler, filósofa norte-americana, 2019), de experiências sociais significativas e de possibilidade de transformações. Ao enveredar por metodologias ativas, acessíveis e de forte tendência social, as artes são fontes inigualáveis para ilustrar, abrir “oportunidades” e leituras de mundo, ampliar instrumentos analíticos e conexões que assegurem sair das “mesmices acadêmicas” (Sonia Alvarez, University of Massachusetts Amherst, 2019).

Ética, estética, ontologia e epistemologia são bases do conhecimento educativo e como abordagem didático-pedagógica ampliam impactos, estímulos e alcançam a diversidade de estudantes-pesquisadoras. Somos linguagens, artes e movimentos e isso coaduna também com procedimentos no campo da educação superior. Também pensar as Universidades nas suas potencialidades.

Por exemplo, a produção da Universidade Federal na Bahia no campo das artes é imensa e parte de sua “tradição”. Sair da sala, pode significar estratégia de conhecer e fomentar vivências acadêmicas, descobrindo outras formas de produção e difusão. Esse tem sido o caso com os cursos de dança, teatro, música, museus, cinemas e bibliotecas administradas pela UFBA. Os resultados são sempre fantásticos: territórios, linguagens, produções interdisciplinares e de outras áreas do conhecimento científico.

Ao introduzir recursos multireferenciados e materiais como depoimentos, relatórios, documentos audiovisuais, exposições fotográficas e encenações teatrais podemos descrever, analisar, interpretar e associar saberes e identidades feministas. Utilizar dinâmicas como *brainstorming*, *design thinking* e *storytelling*, *podcasts* e *ensaios escritos assinalam formas avaliativas* a partir de escrita colaborativa e cooperativa de ideias e convívios.

4 — A partir da percepção de que a Academia não deve servir a si mesma, e a partir de princípios de uma pedagogia feminista, a extensão universitária pode ser um caminho?

As últimas cinco décadas revelam lutas em prol de existências feministas e, atualmente, merecem maior apoio e destaque. Cada projeto de extensão, pesquisa de pós-graduação, vinculação com a graduação (em cursos da mesma área ou correlatas), criação de espaços para difusão e circulação de saberes nas universidades são



verdadeiros manifestos em prol da igualdade e contra as imensas violações sofridas e perpetuadas. São expressões que convocam o direito às vidas, em pluralidade, distintos territórios, para além de classe, raça/etnia e sexualidades. As Universidades podem ser sim esses locus de promoção e proteção. A extensão é ação e escuta, recolha e intervenção, via de mão dupla em relação à sociedade, aos entornos dos espaços universitários e, idealmente, os fins de todo tripé ensino, pesquisa e extensão (lugares, sujeitos e agendas receptores da produção crítica, científica e de relevância social).

Para reforçar essa assertiva, posso mencionar que, nos últimos anos, a participação como co-orientadora na USP (Comunicação, São Paulo), UFES (História, Espírito Santo) e Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e no Doutorado em Estudos Feministas (Universidade de Coimbra), além de integração em grupos de pesquisa (FORDAN-UFES, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto e CEAD, Universidade do Algarve) possibilitam solidariedade acadêmica, mobilidade e interdisciplinaridade em equipas inter-institucionais. A aprendizagem mútua pode ser destacada pelos objetos-temas de investigação (com resultados e impactos sociais, bem como avaliação de políticas públicas, direitos humanos, cidadania e estudos feministas). Essa relação também amplia e proporciona integração de orientandas e estudantes (sejam como bolsistas ou visitantes nas mesmas instituições, em viés colaborativo).

Ampla experiência com metodologias qualitativas e histórias de vida a partir de pessoas/grupos vulnerabilizados (pessoas em situação de rua, mulheres, migrantes, juventudes, sexualidades), a conexão entre políticas públicas, direitos humanos e subjetividades) perfaz trajetória acadêmica de duas décadas de docência, investigação, projetos comunitários e de extensão universitária.

O meu contributo para o tripé formação, produção e circulação abarca os países da África (Angola), América Latina (Chile e Argentina) e Europa, no qual vale destacar a esfera local-regional em um país-continental como o Brasil (com parcerias relevantes no próprio Estado da Bahia, Paraíba, Maranhão, São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro), ressaltando fazeres e saberes através da educação (formal, não formal e informal).

Articulista de opinião do jornal *A Tarde* (50 mil exemplares diários e plataforma digital), em uma coluna que versa sobre Direitos Humanos, cidadania e vulnerabilidades (educação, gêneros, população em situação de rua, cidadania, violências e democracia).

5 — Quais autoras a senhora considera como leitura obrigatória para entendermos esta dinâmica entre os estudos feministas e a práxis, em especial para transformação da sociedade através da Educação?

De maneira panorâmica, gostaria de partir de dois princípios: autoevidência (Lynn Hunt, 2009) e reconhecimento (temos acervos que não permitem invisibilizar e são propositivos e críticos). Deste modo, vale destacar que, nas Ciências Sociais, os processos de opressão (sejam gêneros/sexualidades, territórios, classe, etnia-raça, religiões) têm se configurado múltiplos, de longa duração e, em momentos de maiores crises estruturais, fragilizando e vulnerabilizando ainda mais determinados grupos e condições agravando desigualdades, não acessibilidade à justiça social e à cidadania.

Escolher e citar algumas pode ser um risco e um esquecimento. Portanto, seguirei um caminho de identificar e reconhecer autoras e materiais que estou/estamos trabalhando mais recentemente. Entretanto, sou daquelas que sempre identificam genealogias feministas e marcos temporais. Não podemos só escolher o “mais atual”, menos ainda utilizar material que reflete um determinado momento histórico, profissional e de resultados de investigação. Há que vasculhar mais profundamente “conjuntos de obras” de autoras, vertentes ou escolas (aqui com muita restrição para a expressão), instituições, além de associar também geografias, categorias e contributos em tempos históricos distintos.

Como venho afirmando nas disciplinas ministradas, são escolhas, em determinados momentos e movimentos. As indicações básicas e complementares são os mínimos esperados para leituras, fichamentos, diálogos e construção de fundamentos e argumentos tanto nas avaliações específicas como contribuições para e nos projetos de pesquisa aos níveis do mestrado e doutorado.



Um bom exemplo foi a experiência vivenciada como docente e por estudantes (mestrado e doutorado) que refletiram entre a prática educativa e processo avaliativo durante três semestres na disciplina Estudos Feministas. Esse diálogo, cooperação e interação resultou em capítulo de livro intitulado *Memórias, ativismos e aprendizagens: Experiências em “Estudos feministas”* e redigido por quatro autoras (Brasileiro, Gomes, Vergolino & Cavalcanti, 2024, no prelo para o livro organizado pela Márcia Tavares. Título. Edufba).

Se o trabalho, condições de vida e cidadania atçaram vozes no início do século XX; ao final, foram manifestações populares que ocuparam as ruas. Os movimentos feministas, sob a égide da interseccionalidade, tomaram contornos vívidos na determinação de pautas para compor constituições democráticas. No entanto, sem atingir a tão almejada igualdade.

Há que se reunir exemplos empíricos de como lentes de gênero transformam teorias e práxis e embalam as experiências sociais são abordagens recorrentes feministas (Londa Schiebinger e Ineke Klinge, 2020). O sufrágio não chegou para galgar oportunidades. Acesso às escolas e universidades não atendem (ainda) todas e, quando inseridas, valem outras ações.

As violências são sinônimos de “pontos cegos” — se marcos legais-institucionais já existem, porque não são efetivados? Se nas agendas tudo parece lento, artes e inserção de jovens feministas são sinais de expressões sociais. Anuncia McKenzie Wark (2021), a “mutação antropológica” já está em andamento e, a cada segundo, um futuro possível se apresenta. Cabe a nós decidir se eticamente estamos nos caminhos para um mundo melhor, menos violento, ou se continuaremos em aporia, quiçá, em agonia. Por práxis reais e sentidas no cotidiano, por corpos livres e que possam viver em segurança.

Referências

- Alvarez, S. E. (2019). Feminismos en Movimiento, Feminismos en Protesta. *Revista Punto Género*, (11), 73–102. <https://doi.org/10.5354/0719-0417.2019.53881>
- Baggerman, A., Dekker, R. M., & Mascuch, M. J. (Eds.) (2008–2021). *Egdocuments and History Series*. Brill.
- Butler, J. (2016). *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Civilização Brasileira.
- Castro, M. G. (1992). Alquimia de categorias sociais na produção de sujeitos políticos. *Estudos Feministas*, 0, 57–73. <https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//REF/v0/castro.pdf>
- Cavalcanti, V. R. S. (2018). Violências sobrepostas: contextos, tendências e abordagens num cenário de mudanças. In I. Dias (Ed.), *Violência doméstica e de gênero* (pp. 1–27). Pactor.
- Dosse, F. (n.d.). Refazer utopias, tarefa do intelectual no século XXI. *Outras palavras*. www.outraspalavras.net
- Estêvão, C. A. V. (2021). *Amores incertos em tempos de desassossego. Uma reflexão sobre direitos humanos, justiça e educação*. Humus.
- Evaristo, C. (2017). *Poemas da recordação e outros movimentos*. Malê.
- Federici, S. (2022). *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*. Coletivo Sycorax.
- Gago, V. (2019). *La potencia feminista: O el deseo de cambiarlo todo*. Traficantes de Sueños.
- hooks, b. (2013). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (M. B. Cipolla, Trad.). Martins Fontes.
- Hunt, L. (2009). *A invenção dos Direitos Humanos*. Companhia das letras.
- Martins, C. (2019). “Feminismos”. In *Dicionário Alice*. CES/Alice. https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=24285



Messeder, S., Castro, M. G., & Moutinho, L. (2016). *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero*. Editora da UNEB. <https://books.scielo.org/id/mg3c9>

Oliveira, I. M. (2020). *Por uma pedagogia feminista... "Até que todas sejamos livres!"* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco]. Universidade Federal Rural de Pernambuco. http://ww2.ppgeci.ufrpe.br/sites/ww2.ppgeci.ufrpe.br/files/documentos/dissertacao_final_-_isabella_marques_de_oliveira_ppgci.pdf

Pereira, M. do M., & Santos, A. C. (2014). Introdução. Epistemologias e metodologias feministas em Portugal: contributos para velhos e novos debates. *Revista Ex æquo*, 29, 9–21. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2014.29.01>

Schiebinger, L., & Klinge, I. (2020). *Gendered Innovations: How Inclusive Analysis Contributes to Research and Innovation*. Publications Office of the European Union.

Silva, S. M., Wright, S. J., & Júnior, E. de D. S. (2018). A interface entre Gênero e Direito: entrevista com Alda Facio. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 4(1), 184–194. <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/25839/15676>

Wark, M. (2021). *Philosophy for Spiders: On the Low Theory of Kathy Acker*. Duke University Press.

Declaração Ética

Conflito de Interesse: Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a declarar.



Todo o conteúdo da *NAUS — Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais* é licenciado sob [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.